

MANNING MARABLE

Malcolm X

Uma vida de reinvenções

Tradução

Berilo Vargas



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by Manning Marable

Todos os direitos reservados, incluindo direitos de reprodução do todo ou de parte. Publicado mediante acordo com Viking, integrante do Penguin Group (USA) Inc.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Malcolm X: A Life of Reinvention

Capa

Retina78

Foto de capa

Michael Ochs Archives/ Corbis/ Latinstock

Preparação

Flavia Lago

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Huendel Viana

<completar>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Marable, Manning

Malcolm X : uma vida de reinvenções / Manning Marable ; tradução Berilo Vargas. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original : Malcolm X : A Life of Reinvention.

ISBN 978-85-359-2267-7

1. Afro-americanos - Biografia 2. Ativistas pelos direitos humanos - Estados Unidos - Biografia 3. Muçumanos Negros (Movimento religioso) - Estados Unidos - Biografia 4. X, Malcolm, 1925-1965 1. Título.

13-03569

CDD-297.87

Índice para catálogo sistemático:

1. Ativistas afro-americanos : movimento muçumano negro
297.87

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Prólogo — A vida além da lenda	9
1. “De pé, raça poderosa!”	25
<i>1925-1941</i>	
2. A lenda de Detroit Red	51
<i>1941-janeiro de 1946</i>	
3. Ele se torna “X”	85
<i>Janeiro de 1946-agosto de 1952</i>	
4. “Eles não são como o ministro”	117
<i>Agosto de 1952-maio de 1957</i>	
5. “Irmão, o ministro <i>precisa casar</i> ”	150
<i>Maio de 1957-março de 1959</i>	
6. “O ódio produzido pelo ódio”	178
<i>Março de 1959-janeiro de 1961</i>	
7. “Tão certo como Deus fez as maçãs verdes”	206
<i>Janeiro de 1961-maio de 1962</i>	

8. Da oração ao protesto	239
<i>Maio de 1962-março de 1963</i>	
9. “Ele se desenvolvia rápido demais”	265
<i>Abril-novembro de 1963</i>	
10. “As galinhas voltam para o galinheiro”	302
<i>1º de dezembro de 1963-12 de março de 1964</i>	
11. Uma revelação no <i>hajj</i>	333
<i>12 de março-21 de maio de 1964</i>	
12. “Deem um jeito em Malcolm X”	359
<i>21 de maio-11 de julho de 1964</i>	
13. “Na luta pela dignidade”	402
<i>11 de julho-24 de novembro de 1964</i>	
14. “Este homem merece morrer”	432
<i>24 de novembro de 1964-14 de fevereiro de 1965</i>	
15. A morte chega na hora	465
<i>14-21 de fevereiro de 1965</i>	
16. Vida depois da morte.	499
Epílogo — Reflexões sobre uma visão revolucionária.	531
Agradecimentos e notas de pesquisa	541
Notas.	547
Bibliografia	611
Siglas e glossário	629
Índice remissivo	633

I. “De pé, raça poderosa!”

1925-1941

O pai de Malcolm X, Earl Little, Sr., nasceu em Reynolds, Geórgia, em 29 de julho de 1890.¹ Esse filho de fazendeiro que costumava ser chamado de Early mal teve três anos de estudos formais, muito embora tenha aprendido carpintaria na adolescência, o que lhe garantiu um meio de vida. Em 1909, casou-se com uma afro-americana local, Daisy Mason, e teve três filhos, um atrás do outro: Ella, Mary e Earl Jr.

Reynolds, pequena cidade no canto sudoeste da Geórgia, tinha uma população de apenas 1200 pessoas por volta de 1910, mas era um impressionante centro manufatureiro com uma grande fábrica de algodão, que produzia de 7 a 8 mil fardos por ano.² Como a maior parte do Sul nas décadas seguintes à Reconstrução, era também um lugar violento e perigoso para afro-americanos. Entre 1882 e 1927, os racistas brancos da Geórgia lincharam mais de quinhentos negros, colocando o estado atrás apenas do Mississippi em número de mortes por linchamento.³ A depressão dos anos 1890 atingira a Geórgia de forma especialmente dura, provocando uma onda de falências comerciais, numa taxa duas vezes superior à do resto do país. Com a escassez de empregos, os trabalhadores brancos qualificados passaram a enfrentar a concorrência crescente dos negros, especialmente como pedreiros, carpinteiros e em trabalhos mecânicos.⁴ O fato

de Earl ser um carpinteiro qualificado provavelmente provocava tensão com os brancos, e os pais e amigos temiam por sua segurança.

Com bem mais de 1,80 metro de altura, musculoso, de pele escura, Little costumava discutir com os brancos, a quem seu ar de independência incomodava. Reynolds e as cidades vizinhas tinham visto muitos linchamentos e incontáveis atos de violência contra negros. Sua vida doméstica era pouco menos tumultuosa: os parentes de Daisy não gostavam de suas brigas, nem da maneira como tratava a mulher. Em 1917, cansado de lutar com os parentes de Daisy e das ameaças de violência dos brancos, Earl abandonou a jovem mulher e os filhos, tomando parte na grande migração de negros sulistas para o Norte, iniciada durante a Primeira Guerra Mundial. Seguindo a trilha da ferrovia Seaboard Air Line, rota comum para os negros que se dirigiam da Geórgia e das Carolinas para o Norte, ele parou primeiro na Filadélfia, depois em Nova York, antes de estabelecer-se, finalmente, em Montreal.⁵ Não se preocupou sequer em divorciar-se legalmente.⁶

Foi na pequena e majoritariamente caribenha comunidade negra de Montreal que Earl se apaixonou por uma bela granadina, Louisa Landon Norton. Nascida em St. Andrews, Grenada, em 1897, ela fora criada pela avó materna, Mary Jane Landon. Louise, como era conhecida, tinha pele clara e cabelos pretos, soltos; nos encontros diários era quase sempre tomada por branca. Corria entre os negros locais o boato de que ela era produto do estupro da mãe por um escocês. Diferentemente de Earl, recebera excelente instrução anglicana de nível fundamental, tornando-se competente na escrita, além de fluente em francês. Amável e ambiciosa, emigrara para o Canadá com dezenove anos, em busca das oportunidades que sua pequena ilha natal não tinha condições de oferecer.⁷

Talvez tenha sido a atração dos opostos que juntou Louise e Earl — apesar de ser mais provável, como explicação, que ambos tivessem interesse por justiça social, pelo bem-estar da sua raça e, com isso, por política. Em 1917, montrealenses negros abriram uma seção informal da Associação Universal para o Progresso Negro (Universal Negro Improvement Association, UNIA), fundada pelo carismático ativista jamaicano Marcus Garvey. Apesar de só ter sido estabelecida oficialmente como filial em junho de 1919, a UNIA de Montreal exerceu tremenda influência sobre os negros em toda a cidade. Patrocinava fóruns sobre educação, atividades recreativas e eventos sociais para negros, chegando a mandar delegações para convenções internacionais.⁸ Os dois militantes garveyistas se apaixonaram

ram e casaram em Montreal, em 10 de maio de 1919. Decidiram dedicar a vida e o futuro à formação de um movimento garveyista nos Estados Unidos. Garvey desempenharia papel central em sua vida e, na geração seguinte, na vida do filho Malcolm.

Na véspera da entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial, a cultura política negra americana estava basicamente dividida em dois campos ideológicos: os acomodacionistas e os reformistas liberais. Divergências em tática, teoria e objetivos derradeiros a respeito das relações raciais persistiriam durante todo o século. Comandados pelo educador conservador Booker T. Washington, os acomodacionistas aceitavam a realidade da segregação de Jim Crow e não contestavam abertamente a usurpação de direitos dos negros, promovendo, em vez disso, o desenvolvimento de negócios de propriedade de negros, escolas técnicas e agrícolas e o direito à propriedade da terra. Os reformistas, entre os quais se destacavam o estudioso W. E. B. Du Bois e o jornalista militante William Monroe Trotter, exigiam plenos direitos políticos e jurídicos para os negros americanos e, em última instância, o fim da própria segregação racial. Como o abolicionista do século XIX, Frederick Douglass, acreditavam em desmontar as barreiras que separavam negros e brancos na sociedade. O restabelecimento da Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor (National Association for the Advancement of Colored People, NAACP) em 1910, sob o comando de Du Bois, e a morte de Washington, em 1915, deram à cúpula nacional dos reformistas uma vantagem sobre seus rivais conservadores.⁹

Foi nesse momento de intensos debates políticos entre negros que o carismático Marcus Garvey chegou a Nova York, em 24 de março de 1916. Nascido na Jamaica em 1887, Garvey tinha sido tipógrafo e jornalista no Caribe, na América Central e na Inglaterra. Fora aos Estados Unidos por insistência de Booker T. Washington, em busca de apoio para um colégio na Jamaica, projeto que deu em nada, mas que lançou o audacioso jovem numa nova missão, um novo e ambicioso movimento político e social para negros. Inspirado pelas ideias conservadoras de Washington, Garvey não se opunha às leis de segregação racial ou às escolas separadas, mas astutamente equiparava essas ideias a um feroz ataque polêmico ao racismo e ao domínio colonial branco. Diferentemente da NAACP, cujo apelo se dirigia a uma classe média emergente, Garvey recrutava os negros pobres, a classe operária e os trabalhadores rurais. Depois de estabelecer uma pequena base de seguidores no Harlem, iniciou uma turnê nacional de um ano

de duração, na qual fez apelos aos negros para que se vissem como “raça poderosa”, vinculando seus esforços não apenas a pessoas de ascendência africana do Caribe, mas à própria África. Sem fazer concessões, pregava o respeito próprio, a necessidade de os negros estabelecerem organizações educacionais e o cultivo de instituições religiosas e culturais que educavam famílias negras.¹⁰ Em janeiro de 1918, a filial da UNIA em Nova York foi formalmente estabelecida, e mais tarde, naquele mesmo ano, Garvey lançou seu próprio jornal, o *Negro World*; no ano seguinte, a UNIA fundou sua sede internacional no Harlem, dando ao prédio o nome de Liberty Hall.¹¹

Fundamental para o apelo exercido por Garvey era sua adoção entusiástica do capitalismo, e seu evangelho do sucesso; autodomínio, força de vontade e trabalho árduo dariam as condições para erguer os negros americanos. “Não se enganem”, dizia ele aos seguidores, “riqueza é força, riqueza é poder, riqueza é influência, riqueza é justiça, é liberdade, é direitos humanos de verdade.”¹² O objetivo da Liga das Comunidades Africanas era abrir, em suas palavras, “casas comerciais, casas de distribuição, e também participar de negócios de todos os tipos, por atacado e a varejo”. A partir do Harlem, a liga abriu mercearias e restaurantes, e até financiou a compra de uma lavanderia a vapor. Em 1920, Garvey constituiu em entidade jurídica a Corporação de Fábricas Negras para supervisionar a crescente lista de negócios do movimento.¹³ Seu projeto comercial mais conhecido, e mais controvertido, entretanto, foi a Black Star Line, empresa de navios a vapor apoiada por dezenas de milhares de negros que compraram ações de cinco e dez dólares. Ironicamente, toda essa atividade dependia da existência de uma segregação racial de fato, que limitava a concorrência dos negociantes brancos, que se recusavam a investir em guetos urbanos.

A separação racial, pregava Garvey, era essencial para o progresso de sua gente, não apenas nos Estados Unidos, mas no mundo inteiro. Seu programa era uma mistura informal de ideias tiradas de fontes tão díspares quanto Frederick Douglass, Andrew Carnegie, Ralph Waldo Emerson, Horatio Alger e Benjamin Franklin, adaptadas a um contexto de realizações que ocupava uma esfera separada da dos brancos. Negros jamais se respeitariam a si mesmos como povo enquanto dependessem de outros para emprego, negócios e questões financeiras. Como Booker T. Washington, Garvey sentia que a segregação de Jim Crow não desapareceria rapidamente. Era lógico, portanto, transformar o mal inevitável na pedra angular do progresso do grupo. Os negros precisavam rejeitar as dis-

tinções de classe, religião, nacionalidade e etnia que tradicionalmente dividiam suas comunidades. Os descendentes de africanos faziam parte de uma “nação” transnacional, uma raça global com um destino comum. O manifesto inicial da UNIA em 1914 convocava pessoas de ascendência negra ou africana “a estabelecer uma confraternidade universal dentro da raça, para promover o espírito de raça, de orgulho e de amor... [e] ajudar no processo civilizatório de tribos atrasadas da África”.¹⁴ Posteriormente, muitos negros de classe média refutaram o garveyismo como um movimento irremediavelmente utópico de volta à África, o que subestimava sua visão global radical. O que Garvey reconheceu foi que o Velho e o Novo Mundo estavam inextricavelmente ligados: negros no Caribe e nos Estados Unidos jamais seriam verdadeiramente livres enquanto a própria África não fosse libertada. O pan-africanismo — a crença na total independência política da África, e de todas as colônias onde os negros viviam — era um objetivo essencial.

Garvey também reconhecia que criar um movimento de massa requeria uma revolução cultural. Gerações de negros tinham padecido com a escravidão, a segregação e o colonialismo, produzindo um senso generalizado de submissão à autoridade branca. O poder negro dependia de atividades que pudessem restaurar tanto o respeito próprio como o senso de comunidade — essencialmente, o desenvolvimento de uma cultura negra unida. Por essas razões, o “nacionalismo cultural” ocupava papel central em seu projeto. Os garveyistas patrocinavam eventos literários e publicavam escritos dos seguidores; organizavam debates, realizavam concertos e desfilavam sob berrantes estandartes pretos, vermelhos e verdes. Eram encorajados a escrever hinos nacionalistas, dos quais o mais popular era o “Hino Universal da Etiópia”, que apresentava o poderoso, se bem que desajeitado, coro:

*Avante, avante para a vitória,
Que a África seja livre;
Avante rumo ao inimigo
Com o poder
Do vermelho, do negro e do verde.*¹⁵

Garvey usava o luxo com grande eficácia para construir a cultura de seu movimento. Títulos apoteóticos e uniformes coloridos criavam um senso de relevância histórica e de seriedade, e davam aos afro-americanos pobres um sen-

timento de orgulho e entusiasmo. Numa reunião no Harlem em 1921, 6 mil garveyistas lançaram a “investidura do Império da África”. Garvey foi coroado presidente geral da UNIA e presidente provisório da África, que juntamente com um potentado e um supremo vice-potentado constituía a realeza do império. Líderes garveyistas receberam títulos como “Cavaleiros do Nilo, Cavaleiros da Ordem de Distinção em Serviço da Etiópia e Duques do Níger e de Uganda”.¹⁶ O fato de o movimento de Garvey não controlar território nenhum na África colonial ou no Caribe não tinha importância. Negros identificavam-se a si mesmos como nobres no exílio, trabalhando para chegar o dia em que os europeus seriam expulsos da pátria-mãe eles reivindicariam sua herança.

A UNIA assimilava temas de vários rituais religiosos africanos. Apesar de católico, Garvey achava que pessoas de ascendência africana deviam adotar um deus e uma teologia de libertação negros. Isso não significava repúdio declarado ao cristianismo, apesar de um dia ele ter dito num comício: “Temos cultuado um deus falso... Criemos um deus próprio e ofereçamos esta nova religião aos negros do mundo”.¹⁷ Em 1929, Garvey chegou a dizer que “a Associação Universal para o Progresso do Negro é, fundamentalmente, uma instituição religiosa”.¹⁸

O garveyismo criou um ambiente social positivo para fortalecer famílias negras e famílias que enfrentavam preconceito racial na vida diária. Como em qualquer movimento social abrangente, membros entusiásticos geralmente encontravam dentro do grupo o melhor clima de companheirismo. O que quer que tenha inicialmente servido para juntar Earl Little e Louise Norton, o casal tinha a mesma dedicação aos ideais de Garvey, que levariam pela vida fora. Construíram sua primeira casa na comunidade negra da Filadélfia, onde morariam quase dois anos. Em 1918, a Filadélfia tornara-se o centro de amplas atividades da UNIA, e logo a seção local cresceu imensamente; entre 1919 e 1920, mais de 10 mil pessoas, na maioria operários e pobres, ingressaram na organização, colocando a Filadélfia atrás apenas de Nova York no número total de membros.¹⁹ Ali, o lado religioso do garveyismo cresceu em popularidade graças, principalmente, à presença imponente do carismático líder da seção, o reverendo James Walker Hood Eason. Em 1918, Eason e seus seguidores espirituais tinham formado a Igreja Popular Metropolitana Africana Metodista Episcopal Zion. Desiludido com a falta de militância dentro da NAACP, Eason somou forças com Garvey, e depois disso sua ascensão foi imediata. Em 1919, sem consultar a congregação, o pastor vendeu o prédio da igreja para a Black Star Line de Garvey por 25 mil dólares, e

no ano seguinte Garvey o designou “Líder dos Negros Americanos” na Primeira Convenção Internacional de Povos Negros realizada pela UNIA. Conhecido como “Eason língua de prata”, foi escolhido pelo Liberty Party do Harlem como seu candidato à presidente nas eleições de 1920.²⁰

Na convenção do partido aquele ano, perante uma multidão de 21 mil pessoas no Madison Square Garden, Eason enfatizou as dimensões internacionais da missão da UNIA. “Agora falamos de um ponto de vista mundial”, proclamou. “Não representamos o negro inglês ou o negro francês... representamos os negros.”²¹ Em 1920, a UNIA tinha pelo menos 100 mil membros em mais de oitocentas organizações seccionais ou filiais.²² Os garveyistas, entusiasticamente, diziam ao mundo que seus seguidores eram milhões. Uma avaliação mais objetiva, apesar disso, estimaria o total de novos membros nos anos 1920 e 1930 em 1 milhão ou mais, o que fazia dela um dos maiores movimentos de massa da história dos negros.²³

A UNIA jamais se afiliou formalmente a qualquer confissão religiosa, mas, em razão do longo envolvimento anterior de Earl Little com a Igreja Batista negra, o graveyismo religioso tinha para ele um apelo especial, e ninguém no país encarnava esse apelo melhor do que Eason. Com Louise ao seu lado, Earl compareceu a muitas conferências e palestras da UNIA na cidade da Filadélfia e no bairro de Harlem, onde Eason geralmente era a atração principal, e com quem Earl aprenderia lições práticas sobre como falar em público. Enquanto ele crescia dentro do movimento, sua família também crescia; em 12 de fevereiro de 1920, Louise deu à luz o primeiro filho do casal, Wilfred, mas eles não demoraram muito na Filadélfia. A UNIA, rotineiramente, selecionava ativistas jovens e aptos para tarefas de organização, e em meados de 1921, os Little concordaram em mudar-se para o outro lado do continente a fim de abrir um posto avançado em Omaha, Nebraska.

Sua indicação coincidiu com o explosivo renascimento da Ku Klux Klan (KKK) no interior dos Estados Unidos. Criada no rescaldo da Guerra Civil, a primeira Klan tinha sido uma organização de justiceiros brancos crentes na superioridade de sua raça, que utilizava a violência e o terror, principalmente contra afro-americanos recém-libertos. A segunda KKK, surgida na onda de xenofobia que tomou conta de milhões de americanos brancos depois da Primeira Guerra Mundial, ampliou seus alvos para incluir judeus, católicos, asiáticos e “estrangeiros” não europeus. A seção local de Nebraska, a Klavern Number One, foi criada

em 1921. Antes do fim daquele ano, mais 24 grupos tinham surgido, atraindo, de início, uma média de oitocentos novos membros por semana em todo o estado. Seus fóruns eram bem divulgados, e pela altura de 1923 o número de membros chegara a 45 mil.²⁴ Dentro de um ano, manifestações, desfiles e queimas da cruz já eram comuns em todo o estado. Segundo Michael W. Schuyler, importante historiador local, na convenção estadual da KKK em 1924 no centro de Lincoln “havia 1100 homens da Klan vestidos de bata branca. Dignitários da Klan desfilavam em carros abertos; cavaleiros encapuzados marchavam a pé, geralmente carregando a bandeira americana; outros iam a cavalo”.²⁵ Não era bem o grupo que em décadas posteriores seria obrigado a viver na clandestinidade.

A pequena comunidade negra de Omaha sentia-se sitiada. Poucos militantes tinham ingressado na NAACP, e usavam seu jornal, o *Monitor*, para pedir aos brancos compassivos que se unissem a eles contra a KKK. Em setembro de 1921, o *Monitor* declarou que com “os esforços combinados de judeus, católicos e pessoas nascidas no exterior, a Klan deveria preparar-se para a maior batalha de sua vida. Se o que se quer é derramar sangue, os aliados estão prontos para a luta. Se a guerra é social e industrial, os aliados estão prontos para qualquer tipo de combate. O inimigo comum unirá os aliados comuns”.²⁶ Apesar disso, era difícil para eles cumprir na prática o que ameaçavam retoricamente dentro da corrupta maquinaria política do interior dos Estados Unidos. Em janeiro de 1923, a coalizão anti-KKK pediu ao legislativo estadual de Nebraska que proibisse cidadãos de comparecerem a reuniões públicas “sob disfarce para ocultar a identidade”, e exigisse que a polícia local protegesse os acusados de crimes enquanto detidos.²⁷ O projeto de lei foi aprovado com facilidade na câmara do estado, por 65 votos a 34, mas não obteve a necessária maioria de dois terços no senado estadual, onde partidários da Klan asseguraram seu fracasso.

Até 1923, de 2 milhões a 3 milhões de brancos americanos — incluindo políticos em ascensão como Hugo Black, do Alabama, e, mais tarde, Robert Byrd, da Virgínia Ocidental — tinham ingressado na Klan, que se tornara uma força na política nacional.²⁸ A organização secreta tinha membros tanto no Partido Democrata como no Republicano, mantendo o equilíbrio de poder em muitos legislativos estaduais e em centenas de câmaras municipais. Sua presença significativa levou Garvey a extrapolar, afirmando que a KKK era o rosto e a alma dos Estados Unidos brancos. “A Ku Klux Klan é o governo invisível dos Estados Unidos”, disse ele a seus partidários em Liberty Hall, em 1922, e “representa, em

grande parte, os sentimentos de todo americano branco verdadeiro”.²⁹ Diante disso, concluiu, era questão de bom senso negociar com eles, e foi o que fez, num infame encontro com o líder da Klan, Edward Young Clarke. Do ponto de vista prático, os grupos tinham consideráveis elementos em comum: tanto a KKK como a UNIA se opunham, por exemplo, a casamentos inter-raciais e ao convívio social entre raças. No entanto, importantes garveyistas contestaram diretamente a iniciativa de Garvey, ou simplesmente romperam com a UNIA, revoltados. Um número ainda maior de membros criticava as práticas comerciais caóticas da organização, como a Black Star Line, condenando a forma autoritária como era dirigida. Muitos ex-membros da UNIA concentraram-se em torno da liderança do reverendo Eason, que tinha criado seu próprio grupo, a Aliança Negra Universal, e cuja popularidade em alguns setores superava a de Garvey. Garveyistas leais responderam isolando ou, em alguns casos, eliminando seus detratores. No fim de 1922, Easton foi a New Orleans mobilizar seus adeptos. Depois de um discurso na Igreja Batista St. John’s, cercado de centenas de admiradores, ele foi atacado por três pistoleiros, e baleado nas costas e na testa. Lutou pela vida durante dias, morrendo, finalmente, em 4 de janeiro de 1923. Não há provas que liguem Garvey diretamente ao assassinato; vários seguidores leais importantes, entre eles Amy Jacques Garvey, a eloquente e ambiciosa mulher com quem ele se casou pela segunda vez, eram muito mais implacáveis do que o próprio líder,³⁰ e podem ter tido participação no assassinato de Eason.

Nem as desavenças dentro da cúpula nacional da UNIA nem as erráticas mudanças ideológicas de seus líderes desencorajaram Louise e Earl. A vida do jovem casal era dura; eles dispunham de poucos recursos, e Louise tinha dado à luz mais duas crianças — Hilda, em 1922, e Philbert, em 1923. Earl atendia às necessidades suplementares da família fazendo trabalhos de carpintaria; caçava aves com rifle e criava coelhos e galinhas no quintal. Mas sua constante agitação em nome da causa de Garvey provocou entre os negros o medo de represálias da KKK contra a comunidade.³¹ As responsabilidades de Earl na UNIA exigiam que às vezes viajasse centenas de quilômetros; numa dessas viagens, no inverno de 1925, homens encapuzados da Klan foram à casa dos Little no meio da noite. Louise, grávida de novo, saiu corajosamente até a varanda para enfrentá-los. Eles exigiram que Earl saísse imediatamente. Louise disse-lhes que estava sozinha com três filhos pequenos e que o marido viajara para pregar em Milwaukee. Frustrados, os justiceiros da Klan avisaram a Louise que ela e toda a família de-

viam deixar a cidade, e que os “problemas provocados” por Earl na comunidade negra de Omaha não seriam tolerados. Para reforçar o recado, quebraram todas as janelas. “Depois entraram no carro e foram embora”, escreveu Malcolm, lembrando o que ouvira sobre o incidente, “as tochas brilhando, tão de repente como quando chegaram”³².

O ápice da atividade da Klan em Nebraska ocorreu em meados dos anos 1920. Então a Klan tinha dezenas de milhares de membros, recrutados em todas as classes sociais. Em 1923, uma seção feminina foi criada, e logo mulheres cantavam, ouviam palestras das porta-vozes nacionais, e juntavam-se aos homens nos desfiles. Milhares de crianças brancas foram mobilizadas, meninos ingressaram na Junior Klan, meninas em clubes Tri-K. Sua influência tanto em Omaha como em Nebraska era generalizada, algumas igrejas brancas até acediam quando a Klan interrompia os serviços religiosos. Naquele ano, 1925, a convenção anual da KKK no estado foi programada para coincidir com a Feira Estadual de Nebraska, ambas realizadas em Lincoln. Cruzes foram queimadas, enquanto 1500 pessoas se apresentaram num desfile da KKK com carros alegóricos e um piquenique aberto ao público que atraiu 25 mil seguidores.³³

Foi nessa época terrível que, em 19 de maio de 1925, no hospital da Universidade de Omaha, Louise deu à luz o quarto filho. O menino, sétimo filho de Earl, foi batizado com o nome de Malcolm.³⁴

Apesar das contínuas ameaças, os Little lutaram para formar uma organização da UNIA. No domingo, 8 de maio de 1926, a seção local realizou um encontro em que “Mr. E. Little” era o principal pregador. No papel de secretária, Louise escreveu: “Esta divisão é pequena, mas muito viva na sua função de executar uma grande obra”.³⁵ No outono de 1926, porém, eles concluíram que sua comunidade, molestada pelas depredações da Klan, não podia sustentar uma organização militante. Os problemas nacionais da UNIA agravavam suas dificuldades. O Departamento de Justiça vinha, havia anos, perseguindo agressivamente líderes da UNIA, e em 1923 Garvey fora preso por fraude postal, em conexão com negócios da Black Star Line e condenado a cinco anos de prisão.³⁶ Ele passou os dois anos seguintes usando todos os recursos, até que, finalmente, ingressou na prisão federal em Atlanta em fevereiro de 1925. Em muitas áreas urbanas, especialmente no nordeste, sua prisão provocou grandes cismas e deserções, mas no sul rural

e no centro-este milhares continuaram a ingressar no movimento. Garveyistas fiéis mandavam dinheiro e cartas de encorajamento para seções locais e escritórios nacionais, e faziam apelos para que a condenação de Garvey fosse revista.³⁷

Louise, Earl e os quatro filhos logo se mudaram para Milwaukee, no estado de Wisconsin, centro urbano com uma crescente comunidade afro-americana. Entre 1923 e 1928, indústrias da cidade empregavam centenas de novos trabalhadores, e negros migravam para lá em bandos. Em 1923, a população de moradores negros foi estimada em 5 mil; no fim da década, aumentara 50%. Empregos comuns pagavam até sete dólares por dia, mais alto do que em muitas outras cidades.³⁸ Os Little também foram atraídos pelo robusto empreendedorismo e pela solidariedade racial da Milwaukee negra. Havia muitos restaurantes, funerárias, pensões e hotéis de propriedade de negros; muitos proprietários viam em seus esforços empresariais a realização “do sonho de uma cidade negra dentro da cidade”.³⁹

Embora as relações entre Garvey e a cúpula nacional da NAACP fossem frias, às vezes antagônicas, no nível local as seções dos dois grupos geralmente ficavam do mesmo lado das questões e estavam abertas à colaboração. Apesar de suas visões divergentes sobre o futuro das relações raciais, estavam de acordo quanto à necessidade imediata de diminuir a violência racial e aumentar o número de empregos para negros. Em 1922, por exemplo, a UNIA de Milwaukee preparou uma resolução, endossada pela NAACP, opondo-se ao emprego de negros como furadores de greves em ferrovias, a fim de evitar brigas raciais entre trabalhadores em greve.⁴⁰ Naquele ano, a seção da UNIA dizia ter cem membros; no começo dos anos 1930, mais de quatrocentos já tinham aderido. O sucesso foi em grande parte resultado dos esforços do reverendo Ernest Bland, pastor sob cuja liderança a UNIA local adotou uma estratégia para atrair trabalhadores negros, realizando desfiles e eventos culturais, e inaugurando seu próprio Liberty Hall. Muitos líderes da UNIA de Milwaukee também se tornaram ativistas do Partido Socialista; diferentemente do que ocorria em nível nacional, eles frequentemente participavam de protestos e campanhas de direitos civis para elevar afro-americanos a cargos eletivos.⁴¹ Earl Little estava envolvido como empregado no Clube Industrial Internacional, organização operária negra, e foi nessa condição, mais do que na de líder da UNIA, que ele e dois outros funcionários do clube escreveram ao presidente Calvin Coolidge em 8 de junho de 1927 pedindo a libertação de Garvey.⁴² Os Little deixaram a cidade depois de despachar a petição pelo correio, e sua

partida tinha sido retardada apenas pelo nascimento de outro filho, Reginald.⁴³ (Logo depois de nascer, Reginald foi diagnosticado com problemas de hérnia; problemas de saúde o afligiriam até a idade adulta.)

A próxima parada da família foi East Chicago, Indiana, onde sua estada foi ainda mais breve, pois o estado se revelou outro viveiro da KKK. Em 1929, eles se mudaram novamente, comprando uma casa de fazenda de dois andares numa pequena propriedade de três terrenos nos arredores de Lansing, Michigan. Curiosamente, era uma região onde havia poucos negros. Os Little não perceberam que a escritura da propriedade tinha uma cláusula especial — uma cláusula de exclusão racial que impedia a venda para negros. Em alguns meses, seus vizinhos brancos, cientes dessa cláusula, pediram que eles fossem despejados, e um juiz local atendeu. Earl contratou os serviços de um advogado, que entrou com recurso.⁴⁴

Os racistas locais não se contentaram em esperar o devido processo legal. No começo da manhã de 8 de novembro, a casa dos Little foi abalada por uma explosão que Earl atribuiria a vários homens brancos, nenhum dos quais ele reconheceu, que jogaram gasolina na casa e atearam fogo. Em poucos segundos, as chamas e uma densa fumaça tragaram a casa de fazenda. Malcolm, de quatro anos, e os irmãos relembriam esse episódio pelo resto da vida. “Ouvimos uma grande explosão”, recordou Wilfred.

Quando acordamos, havia fogo por toda parte, e todo mundo corria para as paredes, esbarrando-se uns nos outros, tentando sair. Ouvi minha mãe gritar, meu pai gritar — queriam ter certeza de que estávamos todos juntos para nos tirar de lá. O fogo espalhava-se com tal rapidez que praticamente não conseguiram salvar mais nada. Minha mãe pôs-se a correr de volta para pegar roupas de cama, qualquer coisa que conseguisse, deixava na varanda e depois levava para o jardim. Ela cometeu o erro de deitar minha irmãzinha, ainda bebê, em cima de uns edredons, para voltar e pegar mais coisas. Quando retornou, não viu o neném — acontece que tinham colocado outras coisas por cima da criança. Minha mãe quase enlouqueceu. Quer dizer, tiveram de segurá-la para que não voltasse à casa. Até que o neném chorou, e descobriram onde estava.⁴⁵

A família aterrorizada amontoou-se no ar frio da noite. Furioso, Earl “deu um tiro em alguém que segundo ele se afastava da casa correndo”,⁴⁶ lembrava-se

Wilfred. Nenhum carro de bombeiros apareceu para resgatá-los, e a casa queimou até não restar mais nada.

A polícia designou o detetive George W. Waterman para investigar o incêndio na casa da família Little. Moradores brancos do bairro disseram ao detetive que o proprietário de um posto de gasolina, Joseph Nicholson, tinha ligado para os bombeiros, e que eles se recusaram a socorrer. Mas quase de imediato circularam rumores no bairro de que Earl tinha, ele mesmo, provocado o incêndio, e Waterman resolveu seguir essa linha de investigação vigorosamente. Suas suspeitas foram reforçadas quando soube que Earl tinha uma apólice de seguro de 2 mil dólares da Westchester Fire Insurance Company, além de uma apólice de quinhentos dólares emitida pela Rouse Insurance Company, que cobria tudo que havia dentro da casa. Waterman e outro funcionário entrevistaram Nicholson, que alegou que Earl Little lhe dera um revólver na noite anterior. Nicholson mostrou a arma, que tinha cinco balas restantes e um cilindro vazio. Enquanto isso, sem ter onde morar, os Little tinham ido para Lansing, alojar-se temporariamente com a família de um homem chamado Herb Walker. Naquele início de noite, Waterman foi de carro até a casa de Walker, quando Earl estava ausente, e conversou com Louise, que lhe explicou que só tinha tomado conhecimento do incêndio quando foi acordada pelo marido. Em seguida, a polícia conversou com Wilfred, então com nove anos. Já estava escuro quando Earl finalmente voltou à casa de Walker, e Waterman e outro policial levaram-no para fora e o interrogaram. Como algumas respostas de Earl não coincidiram exatamente com as de Louise e de Wilfred, Waterman disse, posteriormente: “Decidimos prender Mr. Little para fazer novas investigações”. A polícia estava convencida de que Little ateava fogo à própria casa para receber o dinheiro do seguro. O problema é que o promotor público concluiu que as provas eram insuficientes para processar Earl. Ele foi acusado apenas de posse ilegal de arma de fogo; declarou-se inocente, e a fiança foi fixada em quinhentos dólares. A promotoria prorrogou repetidamente a pífia acusação, até 26 de fevereiro de 1930, quando foi rapidamente rejeitada.⁴⁷

O relatório final de Waterman não dizia que a investigação do possível incêndio criminoso provocado por Little estava encerrada. Na época do incêndio, o advogado dos Little entrara com recurso contra o despejo da família perante a Suprema Corte do Estado de Michigan. Além disso, Earl tinha permitido que as apólices de seguro da casa caducassem. Na manhã seguinte ao incêndio, esteve no escritório de uma seguradora local para pagar os atrasados de velha apólice,

sem declarar que as chamas tinham acabado de destruir a casa. Essas ações precipitadas indicavam que ele, muito provavelmente, não provocara o incêndio: se tivesse tido a intenção de fazê-lo, certamente teria pago os atrasados antes.⁴⁸

A destruição da casa de uma família negra por brancos racistas não era caso isolado no centro-oeste daquela época. Em 1923, a Suprema Corte do Estado de Michigan confirmara a legalidade das cláusulas racialmente restritivas na venda de casas particulares. A maioria dos brancos de Michigan achava que negros não tinham o direito de comprar moradias em comunidades predominantemente brancas. Quatro anos antes do incêndio da casa dos Little, em junho de 1925, um casal negro, o dr. Ossian Sweet e sua mulher, Gladys, compraram uma casa em East Detroit, bairro branco, fugindo do maior gueto de Detroit, conhecido como Black Bottom, tendo de pagar 18 500 dólares, muito embora o valor justo de mercado do modesto bangalô fosse inferior a 13 mil dólares. Na noite em que os Sweet se mudaram, apesar da presença de um inspetor de polícia, centenas de brancos enfurecidos cercaram a casa e puseram-se a quebrar as janelas com pedras e tijolos. Amigos dos Sweet dispararam contra a turba, matando um homem e ferindo outro. Ossian e Gladys Sweet, e mais nove pessoas, foram subsequentemente acusados de homicídio. A NAACP entrou vigorosamente no caso, contratando o célebre advogado de defesa Clarence Darrow. Apesar do júri formado inteiramente por brancos, oito dos onze acusados foram absolvidos; os jurados dividiram-se com relação aos outros três. O juiz anulou o julgamento e, no fim das contas, os Sweet foram soltos.⁴⁹

Esses últimos reveses não afetaram a determinação de Earl Little. A essa altura ele era um experiente mestre carpinteiro, com as habilidades necessárias para construir uma nova casa. Em poucos meses, no extremo sul de Lansing, perto do campus educacional que se tornaria parte da Universidade Estadual de Michigan, os Little compraram um terreno barato de 2,5 hectares, perto de uma extensa floresta. A proprietária, uma viúva branca, concordou em vender. Meses depois os Little descobriram que uma ação para penhorar metade da propriedade fora movida contra ela, pelo não pagamento de impostos atrasados. Mais uma vez frustrados pela lei, não lhes restou outro recurso senão perder o direito à terra disputada.⁵⁰

A raiva de Earl e sua contínua falta de sorte foram canalizadas para o trabalho na UNIA. Enquanto isso, Malcolm, então com cinco anos, tornava-se rapidamente o filho de sua predileção, e os dois viajavam juntos para reuniões da

UNIA, geralmente realizadas na casa de um membro. Esses encontros raramente atraíam mais de 25 pessoas, mas eram cheias da energia e do entusiasmo que a liderança de Earl lhe inculcava. Malcolm lembrava-se vividamente disso, e escreveu: “As reuniões sempre terminavam com meu pai dizendo várias vezes, e as pessoas cantando com ele: ‘De pé, raça poderosa, você pode conseguir o que quiser’”.⁵¹

Como ocorrera em Omaha, porém, Earl achou difícil recrutar gente em Lansing. Apesar de, já em 1850, várias famílias negras viverem na região, em 1910 os negros totalizavam apenas 354 — cerca de 1,1% da cidade — dos quais um quinto tinha migrado do Canadá; a maioria nascera na parte setentrional do sul, em estados como Kentucky, Virgínia Ocidental e Tennessee. A migração de milhões de afro-americanos do extremo sul (a partir de 1919) conduziu uma constante torrente de negros pobres para a capital de Michigan, e em 1930 ali viviam 1409. Não demorou muito para que as divisões de classe emergissem. A primeira onda de migrantes teve níveis razoavelmente altos de instrução e treinamento profissional. Nos anos 1890, a maioria era dona de casas e alguns tinham seu próprio negócio, quase sempre em bairros racialmente mistos. Um pequeno número trabalhava como pedreiro de pedra e tijolo, caminhoneiro, pintor, carpinteiro e emboçador. Na virada do século, apenas 10% dos homens foram classificados como “não qualificados ou semiqualeificados”. Em comparação, a maioria dos que chegaram depois de 1915 não tinha qualquer ocupação, e o senso de invasão trazido pela quantidade desses recém-chegados levou à aprovação de novas leis que estabeleciam linhas divisórias ainda mais nítidas entre as raças. Com o surgimento das leis de segregação, no fim do século XIX e começo do século XX, contratos racialmente restritivos para o financiamento de casas particulares foram amplamente adotados em muitos estados, incluindo Michigan. Esses códigos tiveram como efeito forçar uma segunda onda de emigrantes negros, para ocupar um bairro pobre no centro de Lansing.⁵² Embora negros tivessem permissão de votar, seus direitos civis e legais eram restritos em outros sentidos. Exagerando apenas um pouco, Wilfred Little mais tarde descreveria a vida dos negros em Michigan nos anos 1920 e 1930 como “igual à vida no Mississippi... Quando se ia ao tribunal, ou precisava ligar com a polícia, era como estar no sul”.⁵³

Quando negros locais resistiam à discriminação racial, os brancos os rejeitavam. Como persistia em tentar convencer negros a se organizarem, Earl Little era visto como um desses criadores de caso.⁵⁴ Mas Earl atribuía suas difi-

culdades para conseguir emprego regular à classe média negra de Lansing, que via com desdém os garveyistas. Ele costumava fazer sermões, como convidado, em igrejas negras, e a oferenda irrisória que recebia significava a sobrevivência da família. Malcolm foi ensinado a não ter senão desprezo pelos cidadãos que se sentavam para ouvir seu pai. Estava convencido de que os líderes negros de Lansing iludiam-se a si mesmos, no que dizia respeito a seu verdadeiro lugar na sociedade. “Não conheço cidade com percentagem mais alta de negros ditos de ‘classe média’, tão satisfeitos consigo mesmos e tão equivocados — tipos voltados para símbolos de status e ansiosos por integração —, do que Lansing.” Mas a esses burgueses negros faltavam os recursos de uma verdadeira classe alta. “A verdadeira elite”, escreveu Malcolm na *Autobiografia*, “‘pessoas importantes’, ‘vozes da raça’ eram os garçons do Country Club de Lansing e os meninos engraxates do capitólio estatal.”⁵⁵ Não era sarcasmo: esses homens tinham sido, realmente, seus iguais.

Pelo fim dos anos 1920, o movimento de Garvey, que fora um grande movimento de massa, desintegrara-se em muitas das maiores cidades dos Estados Unidos. Em 1927, o Liberty Hall, sede da UNIA no Harlem, foi vendido em leilão. Naquele novembro, o presidente Coolidge comutou a sentença de Garvey, com a condição de que ele fosse deportado, e impedido, permanentemente, de voltar. Garvey chegou à Jamaica em 10 de dezembro, e imediatamente pôs-se a trabalhar para consolidar o que restava da organização. No ano seguinte, ele e Amy Garvey embarcaram numa turnê internacional de palestras, falando para milhares de pessoas na Inglaterra, na Alemanha, na França, na Bélgica e no Canadá. Na Jamaica, os garveyistas lançaram o Partido do Povo e um jornal diário, o *Blackman*.⁵⁶ No Caribe, na África e em comunidades negras rurais e isoladas e em pequenas cidades dos Estados Unidos, o garveyismo ainda prosperava.

Talvez porque milhares de migrantes sulistas pobres constituíssem a maioria da classe operária negra de Detroit, a cidade continuava a ser a Meca da causa. Em 1942, os garveyistas tinham, por suas estimativas, 7 mil membros na cidade.⁵⁷ Sua população migrante afro-americana tinha, predominantemente, de vinte a 24 anos, na maioria homens solteiros, semiqualificados ou não qualificados. Centenas tinham conseguido emprego na fábrica de Henry Ford em River Rouge, mas outros só eram contratados rotineiramente para empregos de alto risco, em fundições.⁵⁸ Esses jovens trabalhadores migrantes continuavam a formar o núcleo do movimento garveyista.

Mesmo no começo dos anos 1930, filiais garveyitas floresciam nas pequenas cidades de Michigan, apesar — ou talvez por causa — do advento da Grande Depressão. De 1921 a 1923, quinze divisões, ou organizações seccionais, da UNIA ali se estabeleceram.⁵⁹ Earl organizava frotas de carros de garveyitas para participarem de reuniões da UNIA (geralmente realizadas em Detroit) e impunha os princípios do movimento na própria casa. Jornais afro-americanos, e até caribenhos, eram lidos em casa, lembrava-se Wilfred Little, e os meninos eram regularmente instruídos sobre “o que acontecia na área do Caribe e em partes da África”, bem como sobre as notícias do movimento no resto do país.⁶⁰ Desses esforços educativos nasceu a perspectiva pan-africana, tão importante na vida de Malcolm mais adiante.⁶¹

Os meninos Little eram constantemente treinados nos princípios do garveyismo, a ponto de chegarem a expressar seus valores nacionalistas na escola. Por exemplo, certa manhã, depois de recitarem o Voto de Lealdade e cantarem o hino nacional, Wilfred informou ao professor que os negros também tinham seu próprio hino. Instado a cantar, Wilfred concordou: “Começava com as palavras... ‘Etiópia, a terra dos livres...’ Isso criava problemas”, lembrava-se ele, “porque ali estava aquele negrinho que se sentia igual a todo mundo, tinha seu próprio hino nacional, sabia cantá-lo e orgulhava-se dele... Não era como eles gostariam que fosse”.⁶²

Enquanto a família continuava a crescer, Louise fazia o possível para cuidar bem de todos, com uma renda pífia. Para aprender os princípios garveyistas de autossuficiência e responsabilidade pessoal, cada um dos mais velhos ficou pessoalmente encarregado de tomar conta de um pedaço do jardim. Continuavam a criar coelhos e galinhas, mas as pressões diárias da pobreza e a reputação de garveyistas excêntricos tinham um preço.⁶³ Earl era inclinado à violência física com a mulher e a maioria dos filhos. Mas Malcolm, que idolatrava o pai, sempre conseguia escapar dos castigos. De alguma forma o menino percebeu que sua cor mais clara funcionava como uma espécie de escudo contra as surras de Earl.⁶⁴ Já adulto, Malcolm lembrava-se de incidentes violentos, reconhecendo que os pais brigavam muito; no entanto, quase todas as surras que levou quando menino foram dadas pela mãe.⁶⁵

À medida que a Grande Depressão se agravava, brancos empobrecidos no centro-oeste sentiam-se atraídos por uma nova formação de justiceiros, a Black Legion. Inicialmente chamada de Klan Guard, a formação, quando foi fundada

em 1924, ou no começo de 1925, em Bellaire, Ohio, utilizava uma mistura retórica contra negros e católicos. Em vez de batas brancas, seus membros usavam batas negras; “queimar cruzeiras nas encostas à meia-noite, tudo bem; desfiles ao meio-dia na rua principal, estavam fora de cogitação”.⁶⁶ A Legião Negra fez sucesso com o pessoal encarregado de aplicar a lei e alguns sindicalistas do setor de transporte público. Pelo começo dos anos 1930, seus membros faziam cavalgadas noturnas rotineiras e policiavam os padrões de conduta das cidades, submetendo suas vítimas a inúmeras humilhações, como serem açoitadas, lambuzadas de alcatrão e adornadas de penas, ou simplesmente expulsas da cidade.⁶⁷

No começo da noite de 8 de setembro de 1931, pouco depois do jantar, Earl foi limpar o quarto de casal, antes de ir ao lado norte de Lansing receber o “dinheiro das galinhas”, de famílias que tinham comprado suas aves. Louise teve um mau pressentimento sobre a viagem e implorou-lhe que não fosse. Earl ignorou os temores da mulher e saiu. Poucas horas depois, Louise e os meninos foram para a cama. Mais tarde, ela foi acordada por uma forte pancada na porta da frente e pulou da cama aterrorizada. Quando abriu a porta, cuidadosamente, deparou com um jovem policial do estado de Michigan, Lawrence G. Baril, que lhe deu a terrível e temida notícia: seu marido fora gravemente ferido num acidente e estava no hospital.

Horas antes, Baril tinha sido chamado à cena de um acidente envolvendo um bonde. Era o primeiro acidente grave que o jovem oficial investigava; a forte impressão que teve, como posteriormente relatou sua mulher, Florentina, foi a de que “o homem tinha sido cortado em dois... o acidente foi muito violento”.⁶⁸ A polícia levantou imediatamente a hipótese de que Earl escorregara e caíra ao subir de noite num bonde andando. Talvez tivesse errado o passo, e sido arrastado para perto das rodas traseiras do bonde. A possibilidade de Earl ter sido vítima de violência racista jamais foi levada em conta.⁶⁹

Earl sofreu dores terríveis, durante horas após ser levado para o hospital. O braço esquerdo tinha sido esmagado, a perna direita quase separada do tronco. Quando Louise chegou, estava morto.⁷⁰ O médico legista declarou que a morte de Earl foi acidental, e assim contaram os jornais de Lansing. Mas as lembranças de negros de Lansing, passadas adiante de boca em boca, contam uma história bem diferente, que sugere crime, e o envolvimento da Legião Negra.

Wilfred recordou-se de ter ido ao funeral e visto o corpo do pai. “Enquanto minha mãe falava, esgurei-me até os fundos, onde tinham posto o corpo numa

mesa”, disse ele. “O bonde o cortara logo abaixo do tronco, separando completamente a perna esquerda e esmagando a direita, porque o bonde... tinha passado bem por cima dele. Ele sangrou até morrer.”⁷¹ A lembrança mais vívida que Malcolm guardava do funeral do pai era a de ver a mãe histérica, e da dificuldade que ela teve para aceitar o acontecido. Malcolm achava que ele e os irmãos “se ajustaram” melhor à intratável realidade da morte de Earl Little do que Louise.⁷² Mas, apesar disso, os meninos ficaram profundamente abalados com os rumores que circulavam sobre a violenta morte do pai. Philbert, então com oito anos, ouviu dizer que “alguém tinha atingido meu pai com um carro pelas costas, jogando-o debaixo do bonde. Depois eu soube que alguém o empurrara para baixo daquele bonde”.⁷³

Uma reconstituição pericial da morte de Earl Little sugere que a história ouvida por Philbert talvez seja verdadeira. Antes de sair de casa na noite da sua morte, Earl disse à mulher que ia à parte norte de Lansing. No entanto, de acordo com jornais locais, seu corpo foi encontrado na intersecção da rua Detroit com a avenida Michigan, um quarteirão a leste da linha que delimita a cidade. Poucos negros moravam nessa área.⁷⁴ A estranha localização do corpo sugere a possibilidade de que Earl tenha sido atingido por um carro, ou quem sabe atacado a cacetadas num lugar, e levado para debaixo de um bonde em outro, a fim de criar a impressão de que houve um terrível acidente. O provável assassinato de Earl pode ter tido o mesmo objetivo dos linchamentos praticados no sul — o de aterrorizar os negros e suprimir atos de resistência.

Louise nunca teve dúvida de que o marido fora assassinado, possivelmente pela Legião Negra. Apesar de ter identificado o corpo de Earl, ela não parece ter contestado o relatório da polícia, ou tentado descobrir a verdade. Durante toda a vida, Malcolm foi obcecado com o fim trágico do pai, e ambivalente quanto à forma como esse fim ocorreu. Em 1963, em visita à Universidade de Michigan, descreveu a morte de Earl como acidental, mas, no ano seguinte, pintou o pai como um mártir da libertação dos negros.

Com a morte súbita do patriarca, a família Little mergulhou no abismo da pobreza. Earl deixou um seguro de vida de mil dólares, que foi pago a Louise, mas ela não conseguiu ficar com o dinheiro por muito tempo. A notícia da morte do marido levou uma multidão de peticionários ao tribunal de sucessões, exigindo pagamento de serviços prestados. O médico U. S. Bagley, por exemplo, apareceu para cobrar 99 dólares, alegando ter assistido o nascimento dos filhos

mais novos de Louise e Earl — Yvonne e Wesley —, além das visitas domiciliares que fez para tratar da pneumonia de Philbert. Contas de dentistas, alugueis, concertos de telhado — tudo isso se acumulou; até a empresa funerária tinha cerca de quatrocentos dólares a receber, incluindo despesas de sepultamento na Geórgia. Quase nenhum dos peticionários recebeu coisa alguma, porque a propriedade valia apenas mil dólares — o equivalente a cerca de 15 mil dólares em 2010. Louise tinha pedido ao tribunal uma “pensão de viúva”, de dezoito dólares mensais “para minha manutenção e da minha família”. Quase 750 dólares do pagamento do seguro foram separados para cobrir a pensão de viúva. Depois de pagar os gastos com o tribunal e os honorários do administrador de sucessões, o dinheiro do seguro praticamente acabou.⁷⁵

De início, Louise lutou desesperadamente para preservar a estabilidade. “Minha mãe tinha muito orgulho”, disse Yvonne Little Woodward, irmã mais nova de Malcolm. “Ela fazia luvas de crochê para as pessoas... Alugava espaço no jardim, trabalhando em parceria com o inquilino. Tínhamos um depósito atrás da casa — ela alugou isso também.”⁷⁶ Hilda, que tinha quase dez anos, tornou-se uma segunda mãe, cuidando dos irmãos mais novos e trabalhando de vez em quando como babá. Wilfred usava o rifle do pai para caçar e garantir o jantar da família. Os únicos que aparentemente não participavam do mutirão eram Philbert e Malcolm, que não ajudavam nas obrigações diárias. Depois da escola, na Pleasant Grove Elementary School de Lansing, os dois meninos se juntavam aos brancos “para fazer travessuras”, como Philbert admitiria mais tarde.⁷⁷ Numa dessas ocasiões, mudaram de lugar o banheiro externo de um vizinho que “os maltratava”, segundo um dos amigos de infância de Malcolm, Cyril McGuine. “Quando saiu atrás deles, sumiu de repente, dando um grito, ao cair no buraco que tinham preparado.”⁷⁸

Mesmo aos sete anos, Malcolm tinha um jeito de evitar trabalho duro. Yvonne lembra que a mãe mandou um grupo de meninos trabalhar no jardim. Quase imediatamente, “Malcolm começou a falar, e nós começamos a trabalhar... Lembro-me de Malcolm deitado debaixo de uma árvore, com um talinho na boca. Ele contava aquelas histórias, mas gostávamos tanto de estar com ele que não nos importávamos de trabalhar”.⁷⁹ Wilfred percebeu que o irmão mais novo tinha uma autoconfiança incomum. “Quando um grupo [de crianças] começava a brincar, [Malcolm] acabava sempre comandando a brincadeira.” Quando os meninos brancos iam brincar no mato atrás da propriedade dos Little,

“Malcolm dizia: ‘Vamos brincar de Robin Hood’. Íamos para lá, e Robin Hood era Malcolm. E os meninos brancos topavam — um Robin Hood negro!”⁸⁰

As coisas, que já eram difíceis, ficaram ainda mais frustrantes porque Louise era obrigada a lutar contra as aporrinhações da burocracia previdenciária de Michigan. O estado tinha aprovado sua primeira lei abrangente sobre pensões em 1913, oferecendo apoio financeiro a crianças pobres com mães consideradas boas tutoras. Isso estabelecia um padrão estadual de três dólares semanais por criança, mas, na realidade — em consequência de uma lei estadual de 1931 que separava “assistência a pobres” da administração de “pensões de mães” —, o pagamento médio semanal não passava de 1,75 dólar. Em alguns casos, mulheres que sustentavam famílias com mais de seis filhos recebiam pagamento apenas por três. As beneficiárias tinham poucos direitos. Diferentemente daquelas que viviam do plano de assistência a pobres, que eram obrigadas a morar num determinado condado durante um ano antes de terem direito a receber, as mães podiam mudar-se dentro do estado sem prejuízo dos benefícios. No entanto, como as pensões eram administradas pelos condados, administradores e juízes de sucessões locais tinham considerável poder de decisão. Embora a lei estadual determinasse que mães afro-americanas tivessem acesso igual, a discriminação com base em estado civil, raça e outros fatores era generalizada.⁸¹ A pensão de Louise jamais cobriu sequer as necessidades básicas. “Os cheques ajudavam”, reconhecia Malcolm, “mas não eram suficientes, pois éramos muitos.”⁸²

O ano de 1934 foi especialmente difícil. O departamento de previdência social de Michigan investigava constantemente a casa dos Little, e Louise, também constantemente, enfrentava os funcionários do governo com protestos contra “a intromissão em nossa vida”. A fome era companheira regular da família, e de vez em quando Malcolm e os irmãos sentiam-se tontos de desnutrição. No outono, uma súbita mudança psicológica ocorreu; o senso garveyista de orgulho e autossuficiência começou a murchar. Os Little passaram a sentir-se vítimas da burocracia do estado.⁸³

Louise continuou tentando desesperadamente encontrar meios de manter a família. Tinha o cuidado de seguir uma rotina da casa que incentivasse a ordem e um sentimento de família. No fim do dia, todos “se juntavam em redor do fogão”, disse Wilfred, “e minha mãe nos contava histórias. Ou recitávamos o alfabeto, ou a tabuada, e ela ensinava francês... Depois contava história dos nossos antepassados”.⁸⁴ Para Louise, a família tornava-se, cada vez mais, o único ponto

de apoio duradouro. O pequeno grupo de garveyistas com quem ela e o marido tinham trabalhado desfizera-se durante a Grande Depressão. Ela pediu ajuda aos membros de uma Igreja Adventista do Sétimo Dia, mas o preço da assistência oferecida era a assimilação. Com Wilfred, ela lia vários panfletos adventistas, mudando a dieta alimentar da família para conformar-se aos ensinamentos da Igreja. Isso incluía não comer porco e coelho, dois alimentos básicos de sua dieta.

Na escola, o estigma de ser uma criança vivendo de assistência afetou profundamente Malcolm; as escolas de Michigan eram integradas, e já era difícil ser negro, mais ainda um negro vivendo de assistência. Não demorou muito para que começasse a roubar alimento nas lojas, tanto para fazer alguma coisa como para matar a fome. Mesmo assim, ainda estava longe de ser suficiente. Por dias seguidos, quando os Little não tinham o que comer, Malcolm começou a aparecer na casa dos vizinhos Thornton e Mabel Gohanna na hora do jantar. Os Gohanna eram “legais, pessoas de idade, e grandes frequentadores de igreja. Eu os vira controlar os saltos e berros quando meu pai pregava”, disse Malcolm. Em sua casa havia sempre lugar para preguiçosos interessantes, e para indigentes que precisavam de cuidados. Os Gohanna logo passaram a cumular o menino de atenções. Depois que Malcolm foi apanhado furtando várias vezes, seus pequenos furtos se tornaram questão controversa entre os funcionários da previdência do condado, que abordaram a família Gohanna para saber se ela estava disposta a adotá-lo.⁸⁵ Os Gohanna aceitaram. “Mas minha mãe teve um ataque”, contou Malcolm.⁸⁶

O tecido da vida parecia cada vez mais surrado pelos acontecimentos diários, grandes e pequenos. Yvonne lembrava-se de um incidente ocorrido quando a mãe conseguiu juntar dinheiro suficiente para comprar móveis para o quarto. Um dia, um caminhão parou na frente da casa, e o motorista explicou que tinha ordem de levar as compras de volta para a loja. “Minha mãe dizia: ‘Eu paguei, tenho o recibo’”. Mas o motorista não quis ouvir. No dia seguinte, Louise foi ao centro da cidade resolver o problema, e eles lhe devolveram a mobília. Mas ainda assim o incidente a aturdiu, acentuando as pressões da pobreza ao prejudicar seus esforços para manter as aparências diante dos vizinhos brancos. “Quantos viram [a mobília] voltar?”, perguntava Yvonne. “Não sabiam que ela tinha sido paga. A loja pediu desculpas, mas pensem no que fizeram minha mãe passar.”⁸⁷ Noutro incidente, alguém matou o cachorro da família. Segundo contou Wilfred, “eles o mataram para ter certeza de que não teríamos cachorro. Acho que só para dificultar as coisas”. Os brancos, com poucas exceções, tratavam Louise

e os filhos com desprezo. “Quando iam à nossa casa”, lembrava-se Wilfred, “falavam com minha mãe como se quisessem deixá-la de joelhos... porque ela era muito independente.”⁸⁸

Louise não tinha quarenta anos mas, apesar das dificuldades, ainda era uma mulher extraordinariamente atraente. Em 1935 ou 1936, em algum momento, ela começou a namorar um afro-americano. Malcolm descreve o homem como fisicamente parecido com o pai, notando que Louise ficava radiante sempre que o pretendente aparecia. O homem — que Malcolm nunca identifica em seu relato — era autônomo e tinha modestos recursos. Sua presença na vida deles oferecia um vislumbre de promessa: só a segurança do casamento poderia manter os funcionários da previdência longe da vida da família Little. Durante um tempo, a proposta parecia provável; então, no fim de 1937, Louise engravidou. Ao descobrir que minha mãe estava grávida, contou Malcolm, ele “abandonou minha mãe de repente”.⁸⁹

Foi antes ou durante a gravidez, quando Malcolm tinha onze ou doze anos, que os funcionários da previdência o puseram na casa dos Gohanna. Ele resistiu à mudança, mas Louise já não tinha condições de tomar conta de toda a família. “Nós meninos”, refletia Malcolm, “vimos nossa âncora ceder.”⁹⁰ De início, ficou infeliz, mas melhorou de humor quando a transferência para a casa da família adotiva foi oficializada: o novo arranjo aliviou o fardo financeiro da mãe, e ele estava perto o suficiente para visitá-la sempre. A família Gohanna, por convicção religiosa, também era conhecida por abrigar ex-prisioneiros.⁹¹ Foi ali talvez que a futura estratégia de Malcolm, de “pescar” convertidos religiosos entre os sem-teto e os ex-prisioneiros, teve sua gênese.

No fim do inverno de 1938, as poucas esperanças dos Little desintegraram-se. Física e psicologicamente, Louise enfraquecia. Naquele verão, ela deu à luz o oitavo filho, Robert. Semanas depois, no outono, Malcolm foi matriculado na West Grove Junior High School em Lansing. Tudo indica que teve bom desempenho escolar, e fazia amizades facilmente com meninos negros e brancos. Em casa, porém, o novo bebê exigia de Louise mais do que ela poderia aguentar. Dias antes do Natal, policiais a encontraram andando descalça na estrada coberta de neve, a criança apertada contra o peito. Parecia traumatizada, e não sabia quem era nem onde estava.⁹² No começo de janeiro de 1939, um médico atestou que ela era “pessoa insana cuja condição exige cuidados e tratamento numa instituição”.⁹³ Em 31 de janeiro de 1939, Louise ingressou no hospital de Kalamazoo, acompa-

nhada do delegado Frank Clone, do subdelegado Ray Pinchet e de Wilfred Little. Ficaria confinada nos limites do hospital estadual pelos próximos 24 anos.⁹⁴

As instituições de saúde mental de Michigan eram primitivas pelos padrões da época, em alguns casos não melhores do que os antiquados manicômios, onde os doentes mentais eram abandonados. Suas alas viviam superlotadas, e os índices de recuperação eram baixos: o Hospital Estadual de Kalamazoo fora fundado em 1859, como Asilo de Michigan para os Insanos, e quando Louise lá chegou parecia ter a idade que tinha; ao longo dos anos 1930, seus administradores queixavam-se de crônica falta de pessoal, o que contribuía para o descaso e para erros de diagnóstico.⁹⁵ Uma lei aprovada por Michigan em 1903 sobre insanidade exigia que os manicômios “utilizassem todos os meios necessários para dar emprego aos pacientes que possam ser beneficiados pelo trabalho regular, adequado à sua capacidade e à sua força”. A partir dos anos 1920, pacientes mulheres eram designadas rotineiramente para tecer tapetes e fabricar colchões, passar e cerzir roupas e cuidar da casa. Esperava-se de Louise que desempenhasse essas tarefas. Devido ao seu diagnóstico de depressão severa, o tratamento a que foi submetida parece ter incluído terapia eletroconvulsiva.⁹⁶ Fosse qual fosse o tratamento, deu-lhe pouco alívio, e ela viveu anos num estado de atordoamento, que às vezes melhorava, às vezes piorava.

Malcolm raramente visitava a mãe, e quase nunca falava nela: tinha muita vergonha de sua doença. A experiência deixou nele a convicção de que todas as mulheres eram, por natureza, fracas e pouco confiáveis. Também pode ter achado que o namoro da mãe e a subsequente gravidez fora dos laços matrimoniais foram, de certa forma, uma traição ao pai.

Funcionários da previdência determinaram que Wilfred, de vinte anos, e Hilda, de dezoito, tinham idade suficiente para assumirem a responsabilidade da casa. Naquele verão, porém, um funcionário estadual decidiu que os Gohanna já não podiam sustentar Malcolm, agora com catorze anos, e recomendaram que ele fosse transferido para a County Juvenile Home, centro de reabilitação juvenil em Mason, dezesseis quilômetros ao sul de Lansing.⁹⁷ A cidade era praticamente habitada apenas por brancos, como a escola para onde Malcolm seria transferido. No período em que viveu com os Gohanna, Malcolm frequentemente passava os fins de semana com a família, mas a reinstalação limitava severamente esse acesso.

De início, ele se adaptou com facilidade ao colégio de Mason — foi eleito

presidente da classe durante o segundo semestre e, academicamente, terminou quase no topo da turma. O belo menino negro começou a provocar paixões em coleguinhas brancas. Alto e muito magro, era, visivelmente, do tipo não atlético; suas duas tentativas de aprender boxe foram desastres cômicos, e era mau jogador de basquete. Mas seu charme e suas habilidades verbais e intelectuais conquistavam admiradores. Líder nato, os outros gostavam de estar perto dele. Adolescentes brancos o apelidaram de “Harpy” [Avarento], porque tinha o hábito de “repisar” seus temas preferidos, ou de falar alta e rapidamente de outros. Na comunidade negra de Lansing, porém, ele recebeu um apelido diferente — “Red” [Vermelho], por causa do cabelo ruivo.⁹⁸

Com a separação de Malcolm da família, e Wilfred e Hilda lutando para sustentar o resto dos irmãos depois que a mãe foi internada, a ajuda veio de Boston, no fim de 1939, ou começo de 1940, na forma de Ella Little, a meio-irmã mais velha. Produto do primeiro casamento de Earl, Ella mudara-se da Geórgia com outras pessoas da família nos anos 1930. Apesar de não conhecer a segunda família de Earl, ou pelo menos de nunca ter se envolvido muito com ela, quando soube de suas dificuldades em Lansing resolveu tomar parte ativa na supervisão dos meninos. Para o jovem de quinze anos que era Malcolm, Ella era uma mulher firme e sensata. Durante a visita de Ella, os meninos a acompanharam a Kalamazoo para ver a mãe. Malcolm ficou particularmente impressionado com as diferenças físicas entre as duas mulheres; a pele cor de azeviche e o físico robusto de Ella contrastavam nitidamente com a tez bem mais clara de Louise. Mais tarde, pouco antes de voltar para casa, Ella insistiu com Malcolm para que lhe escrevesse regularmente. Talvez, arriscou, até pudesse passar parte do verão com ela em Boston. “Agarrei a oportunidade”,⁹⁹ lembrava-se Malcolm.

Quando Malcolm fez a viagem no verão de 1940, ficou impressionado com o que viu na cidade. Ella tinha apenas 26 anos, mas parecia vivida e independente. Morava com o segundo marido numa casa confortável na rua Waumbeck, no racialmente misto distrito de Hill, em Boston. O irmão mais novo, Earl Jr., e a tímida irmã menor, Mary, moravam com ela. Nos fins de semana, milhares de negros saíam pela movimentadas ruas de Boston — para fazer compras, ir a restaurantes ou ao cinema. Pela primeira vez na vida, Malcolm viu casais de negros e brancos andarem juntos, tranquilos, sem aparentar medo. Ficou fascinado com os sons e ritmos do jazz, que jorravam de clubes como o Wally’s Paradise e o Savoy Café, na avenida Massachusetts, entre as avenidas Columbus e Hunting-

ton.¹⁰⁰ Era um mundo eletrizante, um animado ambiente urbano, e sua mágica impregnou-lhe a imaginação de forma duradoura.

Ao voltar para casa no outono, Malcolm se esforçou para readaptar-se à vida de cidade pequena. Apesar da inépcia física, tentou e conseguiu entrar no time de futebol de Mason. Mais de duas décadas depois, um jornal local publicou uma foto do time do Mason em 1940, que incluía Malcolm; o jornal dizia que ele “preferia enfrentar jogadores que tinham a posse da bola... em vez de enfrentar a raça branca, como faz hoje”.¹⁰¹ “Quando Malcolm foi para Mason, deu para notar mudanças”, recordou-se Wilfred. “Algumas para melhor, outras para pior... Ele reclamava do que os professores tentavam fazer — tentavam desencorajá-lo a fazer cursos que não se esperava que negros fizessem; em outras palavras, tentavam mantê-lo em seu lugar”.¹⁰² Não o incomodara, no ano anterior, que os alunos brancos de quem se tornara amigo o chamassem de negro. Mas agora Malcolm tinha aguda consciência da distância social que o separava dos outros. Um professor de inglês, Richard Kaminska, argumentou duramente com ele para que não se tornasse advogado. “Você precisa ser realista sobre a condição de negro... Por que não se decide por carpintaria?”¹⁰³ As notas de Malcolm caíram drasticamente, e sua truculência aumentou. Meses depois, foi expulso.

Já sobrecarregados pelas exigências de uma família numerosa, Wilfred e Hilda logo descobriram que não teriam como controlar o voluntarioso irmão mais jovem. De novo Ella sentiu-se na obrigação de intervir. Meses antes, numa carta para Malcolm, ela escrevera:

*Sentimos tanto a sua falta. Não fique se achando o tal, mas honestamente tudo aqui parece morto. Muitos rapazes perguntam por você... Eu gostaria que você voltasse, com uma condição. Que esteja decidido. Se eu mandar a passagem você paga todas as suas contas? Responda logo.*¹⁰⁴

Ella achava que Malcolm estaria melhor sob seus cuidados, e os irmãos mais velhos de Malcolm concordaram. No começo de fevereiro de 1941, faltando três meses para completar dezesseis anos, com quase 1,80 metro e ainda crescendo, Malcolm pegou um ônibus na rodoviária de Lansing. Esforçara-se para usar o melhor terno, um verde-escuro; as mangas terminavam bem antes dos pulsos. Trajava um sobretudo verde-claro, de gola estreita. Vinte horas depois, sua primeira grande reinvenção teria início.